



LUIZ GONZAGA VENDE HÁ 20 ANOS NO LOCAL: “COISINHA DE MULHER”

## Amizade e segurança

Mas, afinal, quem compra debaixo do Eixão? “A vizinhança que mora perto daqui, o povo do bancos (Central, Caixa Econômica e Banco do Brasil) e o pessoal que trabalha no Hospital de Base”, enumera seu Luiz Gonzaga, o homem que hoje “só vende coisinhas de mulher”.

Depois do meio-dia, hora de almoço, homens engravatados e mulheres de salto alto — misturados a uma gente simples sem gravata e sem crachá — desfilam pela “cidade subterrânea”. E não é difícil vê-los dando uma espiadinha nas bancas, nos gramados. Ali, naquele lugar — até que se prove o contrário — todos são iguais. Inclusive na pechincha.

O nível de amizade — e confiança — entre camelôs e pedestres é impressionante. Há até quem venda fiado. Cleide Moraes, de 26 anos, faxineira da Caixa Econômica, levou a blusa com que sonhara havia dias, por R\$ 10. E dividiu a compra em duas vezes. “Aqui é minha boutique”, brinca.

Butique ao ar livre para Cleide, segurança para Elenir Carvalho, de 48 anos. “Só passo pela travessia porque sei que eles estão aqui”, diz. Telefonista do Hospital de Base, quando está de plantão aos sábados e domingos — dias em que os camelôs não ficam ali — ela prefe-

re se aventurar pelo Eixão. “A presença dos camelôs, pra mim, é uma questão de segurança. De tanto passar por aqui já fiz até amigos. Se compro? É claro...”

Um morador da 203 Sul — que comprava cuecas, em companhia da mulher — faz coro à telefonista: “Essa passagem subterrânea era lugar de assalto e vagabundagem. Agora, a gente se sente mais tranqüilo.” A secretária de um consultório dentário resume tudo: “Melhor camelô e gente circulando do que passarelas vazias e gente correndo risco de vida debaixo delas.”

Eterna briga de rato e gato. É como Carlos Brito, superintendente das administrações regionais e atual administrador de Brasília, define a relação do governo com os camelôs da passarela. “Já realizamos diversas operações de retirada e eles acabam voltando”, diz, meio impotente.

Longe da briga de gato e rato que nunca tem fim, Domingas, a mulher cardíaca que fez do lugar sua terapia, promete voltar à passarela. “Só pra conversar mais um bocadinho com meus amigos...”

E mais uma vez lá estarão Domingas, seu Luiz Gonzaga, Severino, Elenir... É a vida que insiste em pulsar debaixo do Eixão.